

Amor sustentável

Luc Ferry.

A Revolução do amor: por uma espiritualidade laica. Tradução de Véra Lucia dos Reis. São Paulo: Objetiva, 2012, 359 pp.

Gustavo Ramus

Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Pesquisador no Nu-Sol e no Projeto temático FAPESP *Ecopolítica*.

Luc Ferry nasceu em Paris na metade do século XX e formou-se em filosofia e ciência política. Foi professor de filosofia nas universidades de Lyon II, Caen e Paris VII e também ajudou a fundar o Collège de Philosophie. Entre 2002 e 2004 foi ministro da educação na França. Durante esse período, criou uma lei que proibia o uso de véu pelas estudantes mulçumanas no interior das escolas públicas. Ferry é conhecido por defender uma filosofia baseada na razão, afastada de qualquer forma de religiosidade, o que classifica como humanismo secular. Em 2006, ganhou o prêmio Aujourdhui, um dos mais prestigiados de não ficção contemporânea na França, com o seu livro *Aprendendo a viver*, que teve mais de 700 mil cópias vendidas no planeta. Também escreveu outros livros de grande sucesso como *A*

*nova ordem ecológica; A tentação do cristianismo; Famílias, amo vocês; O anticonformista; Vencer os medos; La pensée 68; entre outros. Recentemente, Luc Ferry, este declarado republicano de direita, lançou *A Revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. O livro, que já é considerado um sucesso de vendas, chegou ao Brasil pela editora Objetiva com tradução de Véra Lucia dos Reis.*

O subtítulo do livro chama a atenção do leitor logo de cara pela aparente contradição do termo espiritualidade laica. Será possível afirmar a existência de uma espiritualidade afastada de uma esfera religiosa? É esse o esforço que Luc Ferry faz ao decorrer de seu livro: asseverar uma espiritualidade afastada de dogmas e de qualquer forma de transcendentalidade religiosa, respaldada na tradição

iluminista, agora revigorada por uma nova espiritualidade da razão e das emoções.

De acordo com Ferry, vivemos um momento histórico, o segundo humanismo, que se afasta daquele do iluminismo. Esse segundo humanismo tem como principal predicado o amor. Não o amor a um Deus, a uma pátria ou a uma grande causa, mas o amor que cerca nossas relações cotidianas. Para ele, é exatamente esse novo amor que dá sentido à nossa existência. É o amor aos próximos — e aqui o próximo não tem um sentido cristão que sugere um amor incondicional a qualquer outra pessoa —, àqueles com quem estabelecemos laços, alianças, ou seja, mais precisamente, aos nossos amigos, parentes, amantes e, sobretudo, os filhos, que nos fará atentar ao futuro e, conseqüentemente, não nos descuidarmos da política.

O autor de *A revolução do amor* se dirige ao leitor de forma clara, com uma linguagem simples, o que faz com que seu livro possa ter alcance não somente entre intelectuais, mas também a um grande público. O autor escreve para um público que ama, portanto, escreve para todos. Ferry não lança mão de uma exposição acadêmica intrincada para

expor conceitos difíceis, o que torna a sua argumentação convincente. Em alguns momentos recorre a autores conceituados como Montaigne, não para discutir sua obra, mas para comentar algumas passagens de sua vida. Da mesma maneira, dedica algumas páginas à comparação do estilo de vida de suas filhas com os tempos de sua avó para exemplificar as transformações culturais nos últimos anos. Luc Ferry não está interessado, em certa medida, com o que se tem produzido academicamente em filosofia ou ciência política. O objeto com o qual se preocupa está no cotidiano das pessoas, presente nas suas vidas da forma mais simples que possamos imaginar.

Luc Ferry nos apresenta a uma nova noção de sagrado que, segundo ele, não está no sentido religioso, mas sim em seu sentido ideológico e filosófico: “não o oposto ao profano, mas antes como aquilo pelo qual podemos nos sacrificar, nos arriscar ou dar a vida” (p. 16). Essa é a grande mudança que, segundo ele, marca esse momento histórico no qual vivemos. Antigamente, as pessoas se sacrificavam pela revolução, pela pátria ou até por Deus. Mas a que se deve o fim dos motivos tradicionais do sacrifício?

E no que consiste exatamente? Em primeiro lugar, essa mudança só foi possível pela destruição dos valores e das autoridades tradicionais que teve como grande marco o maio de 68: os motivos dos sacrifícios hoje não são mais abstrações, mas sim as pessoas, seres reais. Contudo, o autor se preserva com uma ressalva importante ao sublinhar que essa nova noção de sagrado e de sacrifício não pode ser generalizada, pois se refere à Europa, principalmente a parte ocidental, e mesmo assim admitindo algumas exceções à regra.

A substituição dos ideais políticos ou religiosos pela vida amorosa de pessoas comuns culmina num dos pontos principais do livro: a sacralização do amor. O amor passou a ser o pedestal mais importante dos valores que guiam a contemporaneidade, o centro das preocupações dos cidadãos comuns. Não obstante, Ferry ressalta que não estamos perto do fim da sociedade individualista, pelo contrário, o egoísmo ainda prepondera no interior dessa nova ótica. Mas esse egoísmo é captado de forma positiva e otimista. “Não é por acaso que agora exigimos que a política sirva primeiramente e antes de tudo não à glória da nação, muito menos à do império, mas ao

desenvolvimento de nossa existência pessoal e à preparação da de nossos filhos” (p. 18).

O primeiro ponto para compreender a argumentação de Ferry é entender como ele situa o processo da desconstrução das tradições e dos valores que as seguiam. O início dessa desconstrução pode ser remetido à filosofia nietzschiana que ele classifica como a filosofia do martelo, responsável pela destituição de ídolos e dos valores judaico-cristão. E de maneira análoga está a contribuição de Heidegger com a “desconstrução da metafísica”. No século XX, essa transformação se acentuou por meio de variadas mudanças, que fazem deste o século de inovações e que encontrou no maio de 68 seu marco fundamental para a transformação que ele tanto insiste em constatar.

Os jovens que embalsamaram maio de 68 se voltaram contra o estilo de vida burguês e iniciaram a destituição dos valores convencionais dando forma ao que o autor denomina de individualismo revolucionário. Entretanto, Luc Ferry aponta os “agentes” de 68 também como os principais geradores da sociedade de consumo, e afirma que aqueles jovens que queimavam carros se tornaram

o “braço armado da expansão do capitalismo globalizado”. Ferry brinca com a famosa frase pichada nos muros de Paris: “abaixo do calçamento está a praia” e diz que se não houve praia, houve a globalização liberal. Em outras palavras, afirma que os contestadores de outrora formam hoje o grande mercado consumidor: “quanto mais os valores tradicionais se corroem, mais ficamos dependentes e mais nos tranquilizamos consumindo. É o que já se chamava nos anos 1960 de ‘dessublimação repressiva’” (p. 74).

Ferry vai ainda mais longe em sua análise e aponta esse fato histórico como ponto crucial para o que denomina como segunda globalização. A primeira teria sido a das Luzes, entre os séculos XVI e XVIII, que marcaram as grandes revoluções como a francesa. Já a segunda globalização é um processo recente, ou melhor, ainda em formulação. No entanto seus sintomas já são visíveis. De acordo com Ferry não existe mais a distinção, pelo menos no que diz respeito à política partidária, entre direita e esquerda. Isso pertence ao passado, é uma questão fora de época. Hoje os países se organizam e se articulam diante da questão: como vencer a crise financeira que

assombra a Europa? Como regular a economia mundial livrando-se da ameaça da falência social?

Voltemos à questão principal do livro: o amor. De acordo com Luc Ferry, a mudança mais notável que se pode ter hoje é o casamento por amor. Antes o casamento se dava por conveniência, ocorria por interesses econômicos e exercia esta função social. Hoje em dia, a maior parte dos casamentos é uma escolha marcada pela paixão. Antes, o casamento norteado pelo sentimento era muito mal visto pela sociedade. Nessas sociedades a família tinha a função de preservação dos bens e da honra, e não tinham, portanto, a função afetiva como primordial.

Ferry aponta a transição de um casamento que se dá por uma imposição social para um casamento de livre escolha, uma conquista, mais precisamente uma reivindicação de direito. “Nem amor, nem escolha, mas em compensação, peso da comunidade e preocupação maior com a linhagem, a biologia, e a economia. Em resumo, é assim o casamento antigo. (...) Aliás, não sem razão: se não é mais a biologia, a linhagem ou a economia que decidem, e se, além disso, os indivíduos são livres para escolher uma vida que,

evidentemente, não lhes é mais imposta, nem pela aldeia, nem por qualquer comunidade tradicional, por que motivo continuar recusar a adultos complacentes não apenas o direito à sexualidade, mas também ao amor?” (p. 88).

O autor não trata da importância do casamento em outras sociedades, o que é curioso, porque chega a mencionar, ainda que timidamente, o nome de Claude Lévi-Strauss. O antropólogo francês é famoso, entre outras coisas, pelo seu estudo das relações de parentesco, apontando a importância do casamento nas sociedades tribais como mecanismo de circulação de bens, mulheres e palavras, e também meio para reafirmar ou afirmar “alianças políticas”. Contudo, isso não abala a argumentação no trabalho de Luc Ferry porque, como disse anteriormente, ele está interessado na sociedade europeia e na transição do casamento por conveniência para o casamento por amor. Por fim, a tese defendida no livro é que o casamento por amor, somado à desconstrução das tradições e uma nova globalização, propiciaram uma nova visão de mundo.

Ferry chama atenção para outra mudança decorrente do casamento: a

das relações familiares, principalmente entre pais e filhos. Nas sociedades antigas os filhos eram tidos como mão de obra. Uma criança de sete anos já ajudava nos trabalhos de campo, ao passo que hoje teríamos outro tipo de investimento nas crianças e foi na educação que ocorreram grandes mudanças. Antigamente era comum aos pais entregarem seus filhos aos cuidados das amas, e também que muitos filhos não voltassem vivos para seus pais. Ferry volta a Montaigne quando este fala tranquilamente a um amigo que não sabia o número exato de filhos que morreram nas mãos das amas, e também ao caso de Rousseau, que abandonou seus cinco filhos. O que era comum naquela época hoje é inconcebível. A perda de um filho hoje jamais seria encarada de forma tranquila, com normalidade, como nos casos acima; pelo contrário, seria a pior tragédia que poderia acontecer a uma família – por certo esta família europeia classe média, que ele não nomeia diretamente, e que é a grande fonte da produção da verdade sobre o amor e o casamento contemporâneos.

A falta de afetividade entre pais e filhos, ou o desapego por parte dos pais era tamanho que era até

mesmo comum os pais se “livrarem de filhos recém nascidos”: Ferry recorre ao historiador Philippe Ariès para mostrar que “a diminuição da mortalidade infantil que se observa no século XVIII não pode ser explicada exclusivamente por razões médicas e sanitárias: apenas não se deixava mais morrer ou ajudar a morrer as crianças que não eram mais desejadas” (p. 99). Dito de outra forma, aliado ao avanço da medicina, essa mudança cultural, a da afetividade entre pais e filhos, ou como coloca Ferry, quando a criança passa a ser considerada um “bem emocional”, é o que faz com que a taxa de mortalidade infantil diminua consideravelmente.

Ao final do livro o autor retoma o tema da morte para afirmar que, sob o prisma do amor, ela ganha uma nova dimensão, um novo significado. Isso também desponta em uma transformação significativa, na medida em que a partir de determinado momento as famílias passam a se organizar em função das crianças. A preocupação com os filhos é o que determina também uma nova postura política predominante nos dias de hoje.

“Como criar nossos filhos, como ‘equipá-los’ para que vençam na vida

do melhor modo possível? O que significa, aliás, a expressão ‘vencer na vida’, se não a reduzirmos à dimensão puramente social e material? Que mundo nós queremos lhes deixar, legar às gerações futuras, não apenas em termos de ecologia, mas também de economia, de política, de cultura?” (p. 116).

Essa preocupação com o futuro do planeta e das gerações futuras foi o que propiciou o surgimento dos ecologistas que, segundo Ferry, constituíram o movimento político mais consistente do século XX. “Os ecologistas, mais interessados pela sociedade civil do que pelo Estado, perceberam isso desde cedo, tirando proveito, jogando habilmente com o medo do futuro que a preocupação com os filhos não deixa de provocar” (p. 353). Na década de 70 surge a preocupação com o fim dos recursos naturais devido ao aceleração incontável do capitalismo. O medo de um possível “apocalipse” reflete em uma política de conscientização. Como consequência, surge a preocupação, não apenas dos dirigentes, mas também dos cidadãos comuns, com um “desenvolvimento durável”. Desde então, emergiu o discurso da sustentabilidade.

Essa é a chave principal de A

revolução do amor: esse amor ao homem, ou o que Ferry denomina de sacralização do Homem, a nova face do sagrado. E é exatamente esse novo sagrado que funda o que ele classifica como segundo humanismo. Ferry insiste no segundo humanismo, porque considera que o primeiro humanismo, o das Luzes, esteve centrado no cidadão, no homem jurídico de direito, que exerce uma relação, no caso da democracia, de súdito e soberano ao mesmo tempo, ao passo que esse segundo humanismo considera as paixões dos indivíduos. Isso não significa o fim dos direitos. O autor defende que esse “amor-paixão” é um acréscimo, que aos poucos vai ganhando maior importância. Não está mais em jogo o humanismo da razão e dos direitos, mas um humanismo tomado pelas emoções e, sobretudo, pela afetividade nas relações de parentesco e de amizade. Esse humanismo, segundo Luc Ferry, rompe com uma tradição metafísica, baseada em transcendências, e se firma na imanência do mundo ou, o que o autor toma emprestado de Husserl, a “transcendência da imanência”. O autor se refere ao amor às pessoas que nos são próximas, e não ao amor como abstração. Dito de outra

forma, não é mais o “filho da nação” o centro do discurso político e da preocupação dos cidadãos – aliás, atualmente seria até inadequado o emprego desse termo –, mas sim os de filhos dos cidadãos, pessoas reais. Enfim, o primeiro humanismo tinha como base a secularização da moral cristã, no entanto, seus efeitos se limitavam a direitos formais, ou seja, estava enredada no interior do que foi instituído como Estado-nação.

Na terceira e última parte do livro, Luc Ferry tenta firmar seu novo conceito o de espiritualidade laica. Uma espiritualidade sem Deus. Sem dúvida, o autor rompe com um pensamento abstrato e transcendental, mas não abre mão dos valores cristãos, como bondade, benevolência e o respeito pelo próximo. Está interessado em uma espiritualidade próxima de uma filosofia que busca, através da razão, a resposta do que seria uma “vida boa”. Em outras palavras, é a busca por uma sabedoria, longe de uma definição religiosa, que por sua vez se aproxima da filosofia. A preocupação com as gerações futuras fez com que as pessoas passassem a se preocupar com o planeta. Luc Ferry aponta para um novo caminho para se pensar o mundo hoje. Será que podemos falar em um “amor ao

planeta”, fruto do amor aos filhos? Talvez isso seja um dos pontos de partida, ou um grande pilar que sustenta o discurso da sustentabilidade tão em voga atualmente. Luc Ferry se coloca a partir de uma perspectiva liberal de direita, na qual expõe o desencanto em relação à política partidária. Estaria essa política dando lugar a essa nova cultura imposta pelo amor? Para ele, a política liberal, associada ao mercado e a uma certa preocupação com a moral, é o que garante a democracia e, conseqüentemente, eleições livres, liberdade de expressão, os direitos básicos como a educação e saúde, assim como a liberdade individual e de consumo. Por isso, defende que é impossível se voltar contra o capitalismo, principalmente quando este está sob uma perspectiva liberal.

Luc Ferry nos fornece pistas interessantes para uma análise da política mundial, a importância da ecologia, da economia e, sobretudo, a emergência do discurso da sustentabilidade. O amor, desdobrado na secularização do Homem, reorganizou a política como um todo. O medo de um futuro desastroso para as gerações futuras fez com que as pessoas repensassem o desenvolvimento capitalista e seus

estilos de vida. À primeira vista, surge a ideia da desaceleração da economia, contudo, como fazer isso sem causar a falência de empresas e conseqüentemente o aumento do desemprego e da miséria? O desafio do mundo hoje é encontrar meios para que a economia não pare, ao mesmo tempo em que não esgote os recursos naturais e diminua os impactos ambientais. Tudo isso sem perder de vista o amor e a preocupação com o futuro que queremos deixar para as próximas gerações.

De maneira plástica e direcional, o livro de Luc Ferry contribui para que compreendamos o estágio da produção da verdade sustentável enquanto discurso filosófico-político.